

DOT HUTCHISON

Da autora  
best-seller de  
*O jardim das  
borboletas*



AS  
CRIANÇAS  
DAQUELE  
VERÃO

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

DOT HUTCHISON

AS  
CRIANÇAS  
DAQUELE  
VÊRÃO



Livro 3 da trilogia O Colecionador

*Tradução*  
Marcia Blasques



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Dot Hutchison, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Marcia Blasques  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The Summer Children*

Preparação: Roberta Pantoja  
Revisão: Ligia Alves  
Diagramação: Nine Editorial  
Capa: Damon Freeman  
Adaptação de capa: Beatriz Borges

Esta edição foi publicada originalmente em acordo com  
Amazon Publishing, [www.apub.com](http://www.apub.com), em colaboração com  
Sandra Bruna Agência Literária.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Hutchison, Dot  
As crianças daquele verão / Dot Hutchison; tradução de  
Marcia Blasques. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.  
304 p.

ISBN 978-65-5535-645-8  
Título original: *The Summer Children*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Blasques, Marcia  
22-0938 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

## Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Fairfield LT Std e impresso pela Gráfica  
Santa Marta para a Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2022.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

faleconosco@editora-planeta.com.br PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Capítulo 1

As estradas ao redor de Washington raramente são tranquilas em qualquer momento do dia, mas, depois da meia-noite em uma quinta-feira quente de verão, a I-66 não tem quase ninguém, em especial depois que se passa por Chantilly. Ao meu lado, Siobhan comenta animada sobre o clube de jazz do qual acabamos de sair, sobre a cantora que fomos especialmente para ver e como ela tinha sido maravilhosa; concordo com a cabeça e murmuro nas pausas. Jazz não é muito minha praia – tendo a preferir algo mais estruturado –, mas Siobhan adora, e eu tinha planejado aquela noite como um pedido de desculpas por ter trabalhado recentemente em várias noites nas quais tínhamos compromissos marcados. As mães – minha última dupla de pais adotivos temporários – sempre me disseram que relacionamentos exigem um esforço consciente. Naquela época, eu não imaginava quão grande era o esforço que elas mencionavam.

Meu trabalho não combina com um namoro normal, mas eu me esforço. Siobhan também é agente do FBI e, teoricamente, entende as restrições do cargo. Mas ela trabalha com tradução no Setor de Contraterrorismo, de segunda a sexta, das oito da manhã às quatro e meia da tarde, e nem sempre lembra que meu trabalho no Setor de Crimes Contra Menores não é nada parecido. Passamos por momentos complicados nos últimos seis meses, mas consigo suportar um show de música de que não gosto, se isso a fizer feliz.

O tema da conversa muda para o trabalho, e meus murmúrios ficam um pouco mais distraídos. Falamos sobre o trabalho dela o tempo todo – não sobre os detalhes do que ela está traduzindo, mas sobre seus

colegas, prazos, o tipo de coisa que a Corregedoria não vai considerar vazamento de informação confidencial –, mas nunca conversamos sobre o meu. Siobhan não quer nem ouvir falar das coisas terríveis que as pessoas fazem com crianças, nem das pessoas terríveis que fazem essas coisas. Posso falar sobre meus colegas de trabalho, sobre o chefe da nossa unidade e sua família, mas ela se enerva ao ouvir sobre as pegadinhas que fazemos uns com os outros no escritório enquanto nossas mesas estão lotadas de documentos repletos de atrocidades.

Depois de três anos, estou acostumada com essa disparidade no nosso relacionamento, mas estou sempre ciente dela.

— Mercedes!

Minhas mãos apertam o volante com o aumento súbito do volume de sua voz, os olhos passando rapidamente pela escuridão ao nosso redor, mas sou treinada o suficiente para não deixar que minha perplexidade faça o carro sair do rumo.

— O quê? O que foi?

— Você estava me ouvindo, pelo menos? — pergunta ela, irônica, o volume de volta ao normal.

A resposta sincera seria não, mas não vou admitir isso.

— Seus chefes são idiotas ignorantes que não diferenciam pacto de farsa nem se a vida deles dependesse disso, e precisam largar do seu pé ou aprender a traduzir eles mesmos.

— Se esse é o seu palpite, quer dizer que eu reclamo demais deles.

— Estou errada?

— Não, mas não quer dizer que estava escutando.

— Desculpe. — Solto um suspiro. — Foi um longo dia, e acordar cedo vai ser horrível.

— Por que vamos acordar cedo?

— Tenho aquele seminário de manhã.

— Ah. Você e Eddison sendo você e Eddison.

É um jeito de colocar as coisas. É um jeito bem preciso, diga-se de passagem.

Porque, aparentemente, é inapropriado, quando seu parceiro/líder de equipe pergunta sobre um relatório específico, dizer para ele que

está fodido. E é totalmente inapropriado que a resposta automática do dito parceiro/líder de equipe seja “Só se for nos seus peitos, *hermanas*”. E é *especialmente* inapropriado se, coincidentemente, o chefe do setor está passando perto das baías e ouve a conversa.

Honestamente, não sei dizer quem gargalhou mais com essa história: Sterling, nossa parceira mais nova, que testemunhou tudo e ficou escondida na segurança de sua baía para disfarçar as risadinhas, ou Vic, nosso antigo parceiro/líder e agora chefe da unidade, parado ao lado do chefe do setor e mentindo descaradamente ao assegurar que aquela era a primeira ocorrência do tipo.

Não tenho certeza se o chefe do setor acreditou nele ou não, mas Eddison e eu fomos designados para o seminário quinzenal sobre assédio sexual. Novamente. Quero dizer, não somos como o agente Anderson, que já tem uma cadeira com seu nome e um relacionamento tão próximo com os instrutores a ponto de chamá-los pelo primeiro nome, mas nós dois até que aparecemos por lá com uma certa frequência.

— O pessoal ainda aposta se vocês estão namorando ou não? — pergunta Siobhan.

— Sempre. — Dou uma risada. — E às vezes ainda apostam na data em que nossa tensão sexual latente finalmente vai nos dominar.

— Então um dia desses devo esperar uma mensagem pedindo desculpas por você ter transado com ele?

— Acho que vou vomitar.

Ela dá uma gargalhada e começa a tirar os grampos do cabelo, os cachos ruivos rebeldes se espalhando ao seu redor.

— Se vai se levantar mais cedo que o normal, você precisa me levar até Fairfax esta noite?

— Como você faria para ir para o trabalho? Peguei você no escritório.

— Ah, certo. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Eu gostaria que você passasse a noite comigo — digo, tirando a mão do volante para poder tocar em seus cachos —, desde que você não se importe em dormir.

— Eu gosto de dormir — responde ela, seca. — Tento fazer isso todas as noites, quando posso.

Respondo com dignidade e maturidade: mostro a língua. Ela dá uma gargalhada e um tapinha na minha mão.

Moro em um bairro tranquilo nos arredores de Manassas, Virgínia, a cerca de uma hora a sudoeste de Washington, e assim que saímos da interestadual somos o único carro na estrada durante vários minutos. Siobhan endireita o corpo quando passamos pelo bairro de Vic.

— Conte para você que Marlene se ofereceu para fazer um bolo de framboesa no meu aniversário?

— Eu estava junto quando ela fez a oferta.

— O bolo de framboesa de Marlene Hanoverian — ela devaneia, sonhadora. — Eu me casaria com ela, se ela jogasse no meu time.

— E se ela não fosse cinquenta e tantos anos mais velha do que você?

— Esses cinquenta e tantos anos a ensinaram a fazer o melhor cannoli de pistache do mundo. Não tenho problema algum com essas décadas a mais.

Paro o carro na minha a rua, a maioria das casas já escura a esta hora da noite. Temos uma mistura de jovens profissionais que compraram o primeiro imóvel, casais cujos filhos saíram de casa e aposentados que tiveram que procurar um lugar mais barato para viver. As casas são mais chalés do que qualquer outra coisa, com apenas um ou dois quartos, dispostas no centro de terrenos de tamanho bem decente. Não consigo manter uma planta viva nem que minha vida dependa disso — não tenho permissão para encostar nas numerosas plantas do apartamento de Siobhan —, mas meu vizinho, Jason, cuida do meu gramado e do jardim compartilhado que se estende entre nossas casas em troca da minha ajuda para lavar sua roupa e fazer alguns consertos. Ele é um senhor gentil, ainda ativo e um pouco solitário depois que a esposa morreu, e acho que nós dois gostamos do arranjo.

A entrada da garagem fica do lado esquerdo e se estende, pelo comprimento de um carro, até depois dos fundos da casa. Quando

desligo o motor, automaticamente verifico se as portas de vidro deslizantes da varanda estão intactas. Há uma certa dose de paranoia pessoal que vem com o trabalho, mas que é compensada quando salvamos crianças e as levamos em segurança para casa.

Nada parece fora do lugar, então abro a porta do carro. Siobhan pega nossas bolsas carteiro do banco de trás e segue na minha frente pelo caminho em curva que leva à varanda da entrada.

— Você acha que Vic vai levar algo que a mãe dele fez amanhã?

— Hoje? Tem uma boa chance.

— Hum, eu bem que gostaria de um danish. Ou, ah! Aqueles pãezinhos recheados de frutas vermelhas e queijo.

— Ela já se ofereceu para ensinar você a confeitaria, você sabe.

— Mas a Marlene é imbatível. — Siobhan passa pelo sensor de movimento, e a luz da varanda se acende, enquanto ela me dá um sorriso por sobre o ombro. — Além disso, eu nunca chegaria à parte de confeitaria, já que comeria... ah, meu Deus!

Largo minha bolsa, arma na mão com o dedo esticado ao longo da trava do gatilho antes mesmo de pensar em qualquer coisa. Avanço lentamente, passando por Siobhan, a arma apontando para baixo, até poder ver com mais clareza por entre a grade. Quando meus olhos finalmente se ajustam, quase deixo a arma cair.

*Madre de Deus*, tem uma criança sentada na minha varanda, e está coberta de sangue.

O instinto diz: *Corra até a criança, pegue-a nos braços e a proteja do mundo, verifique se ela tem algum ferimento*. O treinamento diz: *Espere, faça as perguntas, não estrague as provas que vão ajudar a descobrir quem foi o maldito que fez isso*. Às vezes, ser um bom agente se parece muito com ser uma pessoa sem coração, e é difícil se convencer do contrário.

Mas o treinamento vence. Em geral é o que acontece.

— Você está machucado? — pergunto, ainda avançando devagar. — Está sozinho?

A criança levanta a cabeça, o rosto uma máscara horrível de sangue, lágrimas e ranho seco. Ela funga, os ombros finos tremendo.



— Você é Mercedes?

Ele sabe meu nome. Ele está na minha varanda e sabe meu nome. Como?

— Você está machucado? — pergunto de novo, querendo ganhar tempo para processar meus pensamentos.

A criança se limita a olhar para mim, os olhos imensos e assombrados. Ele – tenho quase certeza de que é um menino, embora seja difícil dizer de onde estou – está de pijama, uma camiseta azul gigante e calça listrada de algodão, todo manchado de sangue, e se curva em torno de algo, agarrando-o. Ele se estende conforme eu me aproximo, subindo os três degraus até a varanda, e consigo ver o que é: um urso de pelúcia, branco onde o pelo não está manchado de vermelho, com um nariz em formato de coração, asas douradas amassadas e um halo.

Jesus.

O padrão das manchas em sua camisa é alarmante – de algum modo ainda mais do que o resto da imagem – porque são listras grossas, muito provavelmente remanescentes do jorro de sangue arterial. Não pode ser do menino, o que é quase reconfortante, mesmo assim é de alguém. Ele é pequeno e tem os ossos finos, o que sugere que provavelmente é mais velho do que aparenta; imagino que tenha dez ou onze anos. Sob o sangue e a palidez chocante, parece machucado.

— Querido, pode me dizer seu nome?

— Ronnie — murmura ele. — Você é Mercedes? Ela disse que você viria.

— Ela?

— O anjo que matou meus pais.

## Capítulo 2

De repente, um gemido estridente me recorda que oi, sim, Siobhan está bem atrás de mim. Siobhan, que não gosta de ouvir sobre o que eu faço e que não consegue assistir a um comercial daqueles que pedem ajuda para alimentar crianças na África sem se acabar de chorar.

— Siobhan? Você pode pegar nossos celulares, por favor?

— Mercedes!

— Por favor? Todos os três? E pode me dar meu celular do trabalho?

Ela não me entrega o aparelho, praticamente o joga na minha direção, e eu quase não consigo pegá-lo com a mão esquerda. Não posso largar a arma até ter certeza de que a área está limpa, e não posso vasculhar ao redor da casa porque isso significaria deixar Siobhan e Ronnie sem proteção. Siobhan não carrega uma arma consigo.

— Obrigada — digo, usando minha voz de agente tranquila e esperando que ela não me bata por isso mais tarde. Ela acha que é uma forma de manipulação; entendo que é melhor do que deixar alguém entrar em desespero. — No meu celular, você pode abrir o bloco de notas? Digite o nome de Ronnie e se prepare para escrever um endereço. Assim que fizer isso, ligue para 911, dê nossos nomes e diga que somos agentes do FBI.

— Não sou agente de campo.

— Eu sei, eles só precisam saber que somos das forças de segurança. Fica calma, vou tentar conseguir o resto das informações que eles vão precisar. — Analiso Ronnie, que está quase explodindo o urso de tanto apertá-lo. Ele não se moveu de seu lugar no balanço da

varanda, e não há uma maldita pegada ao redor dele ou nos degraus. Há sangue seco em seus pés, mas nenhuma pegada. — Ronnie, você sabe qual é seu endereço? Os nomes dos seus pais?

Levo alguns minutos para conseguir os nomes, Sandra e Daniel Wilkins, e parte do endereço. Consigo ouvir Siobhan choramingando enquanto digita no meu telefone.

— Ligue para a emergência — peço para ela.

Ela consente, abalada, e se afasta rapidamente com o celular na orelha e o meu telefone pessoal na mão trêmula para poder ler as informações. Fica brevemente fora da minha vista ao se aproximar da garagem, mas consigo ver sua cabeça descendo pela calçada até parar no meio-fio, bem embaixo do cone de luz do poste. É bom o bastante, mesmo que eu preferisse que ela ficasse mais perto. Não posso protegê-la ali.

— Ronnie? Você está machucado?

Ele me olha, confuso, mas interrompe o contato visual meio segundo depois. Ah, conheço essa linguagem corporal.

— Esse sangue é seu? — pergunto, porque há muitas formas de machucar uma criança.

Ele nega com a cabeça.

— O anjo me fez assistir. Ela disse que eu ficaria em segurança.

— Você não estava em segurança antes? Antes do anjo chegar?

Ele levanta um ombro, num sinal meio inseguro, os olhos fixos no chão de madeira.

— Ronnie, tenho que me afastar para poder ligar para meu parceiro no trabalho, certo? Ele vai me ajudar a garantir que você fique em segurança. Vou ficar bem ali, onde você pode me ver, tudo bem?

— E eu estou em segurança?

— Ronnie, prometo a você que, enquanto estiver aqui, ninguém vai tocar em você sem seu consentimento. Ninguém.

Não tenho muita certeza se ele acredita em mim ou se entende o que estou dizendo – acho que consentimento não foi algo que seus pais lhe ensinaram –, mas ele assente, inclinando-se novamente sobre o urso de pelúcia, e me observa por entre a franja cor de areia enquanto sigo pela curva do caminho, onde consigo ver claramente

tanto ele quanto Siobhan. Mantendo a arma apontada para baixo, pego o telefone e tecló “2”, para ligar para Eddison.

Ele atende no terceiro toque.

— Não consigo nos tirar do seminário. Já tentei.

— Tem um garotinho coberto de sangue na minha varanda. Um anjo o obrigou a vê-lo matar seus pais, e depois o trouxe até aqui para esperar por mim.

Há um longo silêncio e, ao fundo, consigo ouvir o que parece ser uma análise pós-jogo de beisebol na televisão.

— Uau — diz ele, por fim. — Você realmente não quer ir ao seminário.

Mordo o lábio, não rápido o bastante para segurar uma gargalhada estrangulada.

— Siobhan está ligando para a emergência.

— Ele está machucado?

— É um tipo de pergunta complicada.

— Nosso tipo de complicado?

— Eu apostaria nisso.

— Estarei aí em quinze minutos.

Encerro a ligação e, por falta de bolso no meu vestidinho preto, deslizo o celular sob a alça direita do sutiã, onde posso pegá-lo sem ter que soltar a arma. Volto para a varanda, me sentando no degrau de cima. Depois de um instante, inclino o corpo para poder ver tanto o menino quanto a entrada da garagem, as costas apoiadas na coluna do corrimão.

— Logo a ajuda vai chegar, Ronnie. Você pode me contar sobre o anjo?

Ele balança a cabeça novamente e aperta o urso com um pouco mais de força. Há algo naquele urso, algo que... ah. O sangue não foi jorrado. O pelo está sujo do sangue dos braços e do rosto do menino. Provavelmente, as costas do urso também estão sujas, mas o menino não o segurava quando seus pais foram atacados.

— Ronnie, o anjo deu esse urso para você?

Ele ergue os olhos, me encara por um segundo, e então volta a olhar para o chão. Mas, depois de uns instantes, confirma com a cabeça.